

**A ORALIDADE
NO LIVRO DIDÁTICO PORTUGUÊS LINGUAGENS 1**

Edineia Barros Santos (UESB)

neia-barros18@hotmail.com

Elane Marques de Jesus (UESB)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o lugar do texto oral no livro didático do ensino médio *Português Linguagens 1* de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010). Observando se realmente apresenta este tipo de trabalho e como o faz. Adotam-se como aportes teóricos os estudos de Luiz Antônio Marcuschi (2011), Mercedes Canha Crescitelli e Amália Salazar Reis (2011), além dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e do *Guia do Livro Didático*. Esse texto divide-se em quatro partes: Considerações iniciais, O que dizem os teóricos, A análise e Considerações finais. Nessa perspectiva, é possível observar que as propostas de trabalho com a oralidade são interessantes, contudo, infelizmente, ainda está longe de ser o centro das atenções como é o caso da língua escrita. Assim, já é hora de deixarmos esse grafocentrismo de lado e passarmos a valorizar a oralidade, tal como, valorizamos a escrita.

Palavras-chave: Oralidade. Livro didático. Ensino. Língua portuguesa.

1. Considerações iniciais

Este estudo tem como objetivo analisar o lugar da oralidade no livro didático do ensino médio *Português Linguagens 1* de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010). Deste modo, pretende-se observar se realmente apresenta este tipo de trabalho e como o faz, já que o ensino da oralidade é tão importante quanto o ensino de produção escrita. Na seção seguinte será apresentado o referencial teórico que embasa esse trabalho.

2. O que dizem os teóricos

O ensino de língua portuguesa por muito tempo esteve voltado para o ensino da escrita, deixando de lado o trabalho com a oralidade. Contudo, as duas modalidades da língua são importantes, uma vez que o aluno deve desenvolver suas competências comunicativas, tanto no que diz respeito à produção e compreensão de textos escritos quanto de textos orais. Desta forma, é tarefa da escola possibilitar que seus alunos desenvolvam tais competências.

No passado a escrita e a fala eram vistas como uma dicotomia, em que uma era contrária à outra, modalidades distintas, no entanto, na contemporaneamente não são mais vistas desse modo, mas sim como um contínuo, em que escrita e fala estão em uma escala que vai de um extremo a outro. Assim, existem textos prototípicos da oralidade e textos prototípicos da escrita e também existem aqueles que apresentam características de ambas as modalidades da língua, a exemplo dos discursos de bate-papo das redes sociais, textos escritos com características da oralidade. Nessa perspectiva, Luiz Antônio Marcuschi (2011) afirma:

Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. (MARCUSCHI, 2011, p. 16).

Marcuschi (2011) também adverte: “é [...] bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar”. Ou seja, a fala deve ter um lugar no ensino e não só destinada ao uso diário, haja vista que ela vai desde uma situação mais informal até a mais formal possível nos diversos contextos de uso. Assim, de acordo com este autor:

Mesmo considerando a enorme e inegável importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações “letradas”, continuamos [...] povos orais. A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. Isto se dá de modo particular porque a língua é socialmente moldada e desenvolvida, não obstante seu provável caráter filogeneticamente universal, como postulam muitos linguistas e psicólogos. (MARCUSCHI, 2011, p. 36)

Trabalhar com a oralidade não significa ensinar o aluno a falar, já que isso ele aprende no meio familiar muito antes de chegar à escola, mas sim possibilitar que o aluno conheça e domine os diversos discursos orais, especialmente os mais formais. Esse trabalho deve permear todas as fases da escolarização, desde a alfabetização até o ensino médio. Assim, o ensino da oralidade deve iniciar-se pelas situações comunicativas praticadas naturalmente em sala de aula. A partir daí o professor pode propor que os alunos desenvolvam seminários, debates, discussões, tomando como apoio vídeos, palestras, telejornais entre outros textos orais formais.

Para Mercedes Canha Crescitelli e Amália Salazar Reis (2011), o

ingresso do texto oral em sala de aula deve partir, basicamente, por três perspectivas, sendo elas: a observação e análise da oralidade; o trabalho que parte da fala para a escrita (retextualização); e por fim, o trabalho especificamente com a variação linguística, entre tantas outras possibilidades.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, diretrizes que norteiam ou pelo menos deveriam nortear o trabalho docente, propõem que o conteúdo de língua portuguesa seja articulado em dois eixos: o uso da língua oral e escrita e reflexões sobre língua e linguagem. Deste modo, no ensino de língua materna deve-se trabalhar tanto com textos orais quanto com textos escritos e, mais que isso o aluno precisa refletir sobre os usos linguísticos e não apenas memorizar regras gramaticais. Tal ensino deve ter o texto como unidade básica e não partir de segmentos descontextualizados como vocábulos e sentenças.

3. A análise

A partir desses pressupostos teóricos faremos um estudo do livro didático do ensino médio *Português: Linguagens 1*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010), com o intuito de verificar se tal manual propõe trabalhos com a modalidade oral e analisar o tratamento dado à mesma. Antes da análise será necessário destacar na resenha de tal livro disponível no *Guia do Livro Didático*, de 2012, o tópico sobre a oralidade:

As propostas relativas à oralidade aparecem nos capítulos intitulados “Produção de texto”, que, alternadamente, trazem propostas de textos orais e de textos escritos, embora as atividades que implicam o exercício da oralidade ocorram em escala bem menor. Mesmo assim, o princípio orientador do eixo da oralidade mostra-se bem organizado, com propósitos bem delineados e com base em atividades relacionadas aos gêneros orais públicos. Há detalhes sobre o planejamento, a construção e a avaliação de seminário, mesa-redonda, júri simulado, entrevista e debate. Há preocupação em marcar o plano textual, por exemplo, do seminário, com previsão e detalhamento das etapas, indicação do registro adequado e de estratégias de organização da atividade, como postura do participante, escolha do moderador, filmagem e avaliação final. As atividades incluem orientações acerca do uso de recursos audiovisuais como auxiliares à produção oral, além e referências a outros elementos pertinentes a uma apresentação pública. As atividades indicam a aproximação entre as modalidades escrita e oral, embora não desenvolvam uma análise dessa relação. (PNLD, 2012, p. 55-56).

3.1. *Português linguagens 1*

O manual *Português Linguagens*, volume 1, produzido pela Editora Saraiva Ltda. cedido ao Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP) divide-se em quatro unidades e quarenta e nove capítulos, sendo: *O que é literatura? Introdução aos gêneros do discurso linguagem, Comunicação e interação, O poema, Figuras de linguagem, A fábula e o apólogo, As competências avaliadas pelo Enem, A literatura portuguesa: da idade média ao classicismo, O texto teatral escrito, O relato pessoal, Introdução à semântica, O quinhentismo no Brasil, Hipertextos e gêneros digitais: o e-mail e o blog, diálogos, As habilidades avaliadas pelo Enem, A linguagem do barroco, Os gêneros instrucionais, Sons e letras, O barroco em Portugal, Resumo, A expressão escrita: ortografia-divisão silábica, O Seminário, A expressão escrita: acentuação, diálogos, As habilidades e seus esquemas de ação- a comparação e a memorização, A linguagem do arcadismo, O debate regrado público, Estrutura de palavras, O arcadismo em Portugal, O artigo de opinião, Formação de palavras, O arcadismo no Brasil, Diálogos, habilidades de leitura e suas operações: observação, análise e identificação.*

Interessa-nos aqui os capítulos 8 da segunda unidade e o capítulo 2 da quarta unidade, respectivamente, *O seminário* e *O debate regrado*, uma vez que é o espaço encontrado no livro didático, em que se discutem a prática de trabalhos próprios da modalidade oral. O primeiro apresenta a proposta de seminário, bem como seu planejamento e sua exposição. Deste modo, é válido destacar a apresentação do capítulo em questão:

Nos meios escolares, acadêmicos, científicos e técnicos, são comuns as atitudes em que uma pessoa ou um grupo de pessoas desenvolvem uma pesquisa e apresentam os resultados a um público. Esse tipo de texto produzido oral e publicamente, é chamado de *seminário* e, tal como texto de apresentação científica, o relatório, o texto didático, a mesa-redonda, isto é, gêneros que prestam a transmissão de saberes historicamente construídos pela humanidade, pertencem a família dos gêneros expositivos. [...] Nesse capítulo você vai aprender a fazer seminário, participando diretamente de um. (CEREJA & MAGALHÃES, 2010, p. 234).

Pode ser percebido que os autores abordam o tema seminário desde seu conceito até sua prática. O trazem como um gênero discursivo da modalidade oral da língua. Assim, apresentam vários temas sobre o assunto *alimentação* para que os alunos, em grupo, façam uma pesquisa e a apresentem em forma de seminário:

Reúna-se com seus colegas de grupo e, sob a orientação do professor, escolham o tema para a realização de um seminário. Apresentamos a seguir al-

gumas sugestões de temas, mas, se preferirem, poderão pensar em outros que se relacionem com o assunto. [...] Dividam as tarefas para a realização da pesquisa. Coletem materiais, reúna-se e discutam a produção do roteiro para um seminário em grupo. Depois, de acordo com as orientações fornecidas no item “Apresentação de um seminário em grupo”, exponham para a classe o resultado da pesquisa. (CEREJA & MAGALHÃES, 2010, p. 239).

Assim, nesse capítulo são apresentados tópicos como, Apresentação de um seminário, que engloba os subtópicos: sequência e andamento da exposição, postura do apresentador, enriquecendo o seminário com recursos audiovisuais, e uso da linguagem; Apresentação de um seminário em grupo e Avaliação dos seminários. A seguir serão destacadas alguns desses tópicos e subtópicos destacados no manual:

Apresentação de um seminário

Sequência e andamento da exposição

1. Abertura: alguém (geralmente o professor) faz uma apresentação inicial breve e dá a palavra ao apresentador. Faz isso com palavras como “Vocês agora vão assistir ao seminário preparado por fulano...”.
2. Tomada da palavra e cumprimentos: o apresentador deve, primeiramente, colocar-se à frente da plateia, cumprimentá-la e tomar a palavra.
3. Apresentação do tema: o apresentador diz qual é o tema, fala da importância de abordá-lo nos dias de hoje, esclarece o ponto de vista sob o qual irá abordá-lo e, no caso de se tratar de um tema amplo, delimita-o, isto é, indica qual aspecto dele será enfatizado. Por exemplo, se o tema é a poluição do meio ambiente, a delimitação pode consistir em enfatizar apenas a poluição dos rios. Esse momento do seminário tem em vista despertar na plateia curiosidade sobre o tema.
4. Exposição: o apresentador segue o roteiro traçado, expondo cada uma das partes, sem atropelos. Ao término de cada uma, deve perguntar se alguém quer fazer alguma pergunta ou se pode ir adiante. Na passagem de uma parte para a outra, deve dar a entender que não há ruptura, e sim uma ampliação do tema. Para isso, deve fazer uso de certos recursos linguísticos, como *Outro aspecto que vamos abordar...*, *Se há esses aspectos negativos, vamos ver agora os aspectos positivos...*
5. Conclusão e encerramento: o apresentador retoma os principais pontos abordados, fazendo uma síntese deles; se quiser, pode mencionar aspectos do tema que merecem ser aprofundados em outro seminário; pode também deixar uma mensagem final, algo que traduza o seu pensamento ou o pensamento do grupo ou de um autor especial. No final, agradece a atenção do público e passa a palavra a outra pessoa.
6. Tempo: o apresentador deve estar atento ao tempo previsto e, de acordo com o andamento do seminário, ser capaz de introduzir ou eliminar exemplos e aspectos secundários, caso haja necessidade, a fim de se ajustar ao tempo estipulado.

Postura do apresentador

1. O apresentador deve preferencialmente falar em pé, com o roteiro nas mãos, olhando para o fundo da sala. Sua presença deve expressar segurança e confiança.
2. A fala do apresentador deve ser alta, clara, bem-articulada, com palavras bem pronunciadas e variações de entonação, a fim de que a exposição não fique monótona.
3. Ao olhar para o roteiro, o apresentador deve fazê-lo de modo rápido e sutil, sem que seja necessário interromper o fluxo da fala ou do pensamento. Além disso, ao olhar o roteiro, não deve abaixar demasiadamente a cabeça, a fim de que a voz não se volte para o chão. O roteiro deve ser rapidamente olhado, e não lido (a não ser no caso de leitura de uma citação), pois tal procedimento geralmente torna a exposição enfadonha.
4. O apresentador nunca deve falar de costas para a plateia, mesmo que esteja escrevendo na lousa ou trocando uma transparência no retroprojetor. Nessas situações, deve ficar de lado e falar com a cabeça virada na direção do público, a fim de que sua voz seja ouvida por todos.
5. O apresentador deve se mostrar simpático ao público e receptivo a participações da plateia.

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO				
Posicionamento do apresentador	Fala e voz	Linguagem	Olhar	Tempo
<p>Verifique se o apresentador:</p> <ul style="list-style-type: none"> • falou em pé, com o roteiro nas mãos. • demonstrou domínio do conteúdo. • nunca deu as costas ao público ao usar os recursos audiovisuais. • ficou bem-posicionado e movimentou-se entre o público (se possível). 	<p>Verifique se o apresentador:</p> <ul style="list-style-type: none"> • falou alto e claro, e variou a entonação, evitando monotonia. • explorou pausas e velocidade em determinadas faixas para ressaltar pontos importantes. 	<p>Verifique se o apresentador:</p> <ul style="list-style-type: none"> • utilizou a variedade padrão, com grau de formalidade adequado ao perfil dos interlocutores. • evitou palavras de baixo calão, gírias e expressões da linguagem oral. • empregou e explicou adequadamente vocábulos e conceitos específicos da área pesquisada. • fez uso de expressões de reformulação, isto é, aquelas que permitem explicar de outra forma uma palavra, um conceito, uma ideia complexa. 	<p>Verifique se o apresentador:</p> <ul style="list-style-type: none"> • olhou para o público, observando reações positivas e negativas. • olhou para todas as pessoas uniformemente, sem privilegiar um único interlocutor. • usou adequadamente o roteiro, fazendo consultas rápidas, sem interromper o pensamento e sem abaixar o tom da voz. 	<p>Verifique se o apresentador:</p> <ul style="list-style-type: none"> • controlou e organizou bem o tempo, sendo capaz de estar a disposição a tempo estipulado.

No tópico *Apresentação de um seminário em grupo*, Cereja e Magalhães (2010) apresentam orientações de como os apresentadores devem se comportar em grupo, salientando que os membros devem se especializar no assunto em que vão apresentar e cada componente do grupo pode ficar responsável por apresentar uma parte do seminário, mas deve haver coesão entre as falas de todos os integrantes do grupo, sem contradições, pois os apresentadores devem demonstrar ao seu público que todas as falas fazem parte de um todo. Por fim, no tópico *Avaliação dos seminários* são apresentados os critérios de avaliação:

Em resumo, nesse capítulo discute-se o planejamento, a execução de seminários, e os critérios de avaliação do seminário, destacando, dessa forma, um exemplo de trabalho com a modalidade oral na sala de aula. Contudo, é importante ressaltar que, não basta haver propostas como essa se o professor não estiver preparado para executá-la.

Já no segundo capítulo analisado, *O debate regrado público*, Cereja e Magalhães (2010) apresentam outro gênero discursivo próprio da modalidade oral. Esse consiste no debate regrado, a defesa de argumentos contras e prós de determinado assunto. O debate é um ótimo exemplo de proposta, pois permite que os alunos aprendam a defender um ponto de vista, com fundamentação. Desta maneira, os autores propõem que os alunos produzam um debate a partir de um texto vinculado na internet alguns anos depois da criação do *Orkut*. Segue as orientações, disponi-

veis no livro, para a realização do debate regrado público:

PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DE UM DEBATE DEMOCRÁTICO			
Preparação da sala		O moderador	
<ul style="list-style-type: none"> Não há uma disposição obrigatória da sala para a realização do debate. Se o número de participantes for pequeno, é possível que todos se sentem em círculo. Se, entretanto, forem muitos os participantes (debatedores e/ou público), as pessoas devem ocupar as cadeiras normalmente, conforme a disposição original da sala. 		<ul style="list-style-type: none"> Posicione-se em pé na sala, numa posição central, de modo que possa ver e ser visto por todos. Inicie os trabalhos cumprimentando o público e apresentando o tema a ser debatido. Faça algumas considerações sobre o tema ou sobre a importância daquele debate e lembre as regras previamente estabelecidas. Se julgar necessário, indique uma pessoa para secretariar os trabalhos, fazendo as inscrições das pessoas que desejam falar. Ao passar a palavra a um debatedor, utilize expressões como: "Vamos ouvir a opinião de fulano", ou "Palavra, sua vez". Faça sinais para os debatedores alguns segundos antes do término do tempo (por exemplo, 10 ou 15 segundos), a fim de alertá-los sobre o tempo. Interfira no debate, ao perceber que o debatedor está apresentando um argumento pouco claro ou superficial, fazendo perguntas como "Por quê?", pedindo que dê exemplo ou que explique melhor determinada afirmação. Interfira sempre que houver na sala ruídos ou conversas paralelas que atrapalhem o andamento dos trabalhos. 	
Os debatedores			
Tempo	Procedimento	Expressão	Uso da língua
<ul style="list-style-type: none"> Os debatedores devem ter igualdade de condições e de tempo para expor suas ideias. Não se alongue com informações secundárias ou supérfluas, pois corre o risco de não concluir o pensamento por falta de tempo. Vá ao ponto principal logo no início da fala e, se possível, use o restante do tempo com exemplos. Durante a fala de outro debatedor, anote o nome dele e o argumento que ele apresentou. Posteriormente, se for retomado o combater esse argumento, consulte suas anotações. 	<ul style="list-style-type: none"> Nunca leve as discussões para o terreno pessoal. O que está em avaliação são as ideias, não as pessoas. Fale livremente; é seu direito não sofrer interrupções e não ser alvo de zombarias. Porém, mantenha-se apenas quando chegar a sua vez. Respeite as regras estabelecidas; caso contrário, poderá em risco o andamento e o sucesso de todo o debate. 	<ul style="list-style-type: none"> Fale alto, de modo claro e articulado. Se necessário, fale em pé para ser ouvido por todos. Olhe diretamente nos olhos do moderador ou dos demais participantes; assim, passará a impressão de firmeza e segurança. Se fizer uso de anotações durante a fala, levante de forma rápida e sutil, sem interromper o fluxo da fala e do pensamento. Evite abaixar a cabeça e o tom da fala. Evite gestulação excessiva, que possa distrair a atenção dos ouvintes. 	<ul style="list-style-type: none"> Use a variedade padrão, menos ou mais formal, de acordo com o perfil dos participantes. Evite o uso reiterado de palavras e expressões como <i>eu, tipo, tipo assim, etc.</i>, pois atrapalham o fluxo das ideias e dispersam a atenção dos ouvintes. Faça referência à fala de outro debatedor, com expressões como <i>Conforme disse fulano...</i>, <i>Concordo com a opinião de fulano...</i>, <i>Discordo em parte de parte de uma de fulano...</i>, <i>Gostaria de acrescentar ao conteúdo de fulano...</i>

(CEREJA, MAGALHÃES, 2010, p.275)

Cereja & Magalhães (2010) trazem atividades propondo o trabalho com a modalidade oral, no entanto, não sabem como de fato usar esses exercícios para conceituar oralidade, bem como, mostrar sua importância dentro e fora da sala de aula. Podemos perceber também que essas propostas aparecem, com destaque, em apenas dois capítulos do livro, enquanto o restante volta-se para o trabalho de produção escrita. É possível observar que as propostas são interessantes, uma vez que permitem que os alunos desenvolvam trabalhos na modalidade oral da língua. Entretanto, o trabalho com oralidade em sala de aula, infelizmente ainda, está longe de ser o centro das atenções como é o caso da língua escrita. Assim, já é hora de deixarmos esse grafocentrismo de lado, criado por uma parte da sociedade com objetivos ideológicos e passarmos a valorizar a oralidade, tal como, valorizamos a escrita.

4. Considerações finais

A partir deste estudo observamos que a abordagem da oralidade nos livros didáticos nem sempre é satisfatória. Há casos, principalmente naqueles em que o autor prima pela soberania da gramática e da língua escrita, em que a oralidade ou é tratada como algo secundário e de menor valor, ou sequer é explorada, apesar de ser parte fundamental da competência comunicativa.

Também foi possível depreender que o papel do professor ante a essa elucidação, ou não, acerca do uso oral da língua é indispensável. Na existência da exploração coerente do tema, o professor deve estar apto para transmitir ao aluno a importância dele, trabalhá-lo de modo a esgotar suas possibilidades; e, caso não haja trabalho acerca do oral na coletânea ou a abordagem não seja suficiente, o professor deve fazer uso daquilo que for possível dentro da coletânea para que a língua oral não seja desprestigiada, posto que grandes preconceitos e barreiras intelectuais são fundamentadas em equívocos levantados e alicerçados ainda no ensino básico.

Levando em consideração as observações e os teóricos estudados, concluímos que a oralidade é um poço rico a ser explorado e terra fértil a ser semeada. De modo que, sabendo fazer uso, e escolhendo valorizá-la, o desenvolvimento das competências se dará de maneira mais eficaz e menos preconceituosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Guia de livros didáticos: PNLD 2012: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEB, 2011.

CEREJA, Wiliam Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens*, vol. 1. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2011.